

Um front para lá de Bagdá

LUIZ FERNANDO NOVOA GARZON*

A nova guerra ao Iraque se instala como o processo constituinte de uma nova ordem mundial, unipolar e unilateral. É um assalto ao mundo. Um mundo pequeno demais para o grande capital e sua onipotente máquina de guerra. O clube privativo dos incluídos procura ampliar as fronteiras dos seus privilégios. A exclusão deixa de ser uma externalidade para se tornar um investimento ou uma proteção do investimento. As áreas de exclusão passam a ser zonas de guerra. Guerra contra os diferentes, contra os pobres, contra os fracos.

Rompe-se o casulo da teoria dos dois teatros de operação simultâneos, característico da Guerra Fria. Vem à tona a doutrina da dominação de amplo espectro: assegurar a capacidade das forças dos EUA de suprimir qualquer inimigo em qualquer parte do mundo, de forma unilateral ou assistida, com controle sobre qualquer variável ao longo de toda a cadeia de operações militares.

Tolerância zero frente a qualquer resistência ou concorrência. A supremacia norte-americana deixou de ser apenas um dado objetivo para se tornar indispensável e obrigatória. Os EUA têm o direito de intervenção unilateral porque tem o dever de salvar a civilização ocidental e cristã. A superioridade bélica torna-se automaticamente superioridade universal. Porque feita em nome da paz perpétua e da segurança mundial, esta

guerra tem caráter exemplar e disciplinador.

Os procedimentos formais da guerra foram banidos. Convenção de Genebra, critérios de guerra justa, de danos excessivos e de castigos desnecessários são válidos apenas para adversários reconhecidos. Nada disso vale para a nova categoria de inimigos que foi criada. Uma “guerra sem compromissos e sem regras” é o que promete o Secretário de Defesa e principal arquiteto da estratégia da guerra contra o terrorismo. Para Rumsfeld, os terroristas e os regimes que os acobertam não podem merecer as salvaguardas da “civilização”, que os mesmos procuram destruir.

Para defender a democracia e a liberdade aprisionem-nas em porções inacessíveis. Para que a pluralidade seja mantida proibam e suprimam as diferenças. É assim que se faz a jurisprudência da guerra total.

Não se pedem provas a Guerras intrinsecamente justas e santas. Insinuações e indícios bastam. As provas plantadas e colhidas pela CIA falam por si mesmas e confessam tudo em lugar dos suspeitos. Em uma ogiva, em uma foto de satélite e em uma cabeça cabe de tudo, inclusive nada. Não importa que o Iraque possua ou não “armas de destruição em massa”, importa seu maligno desejo.

Muitos passos atrás do Código de Hamurabi. Na insígnia “olho por olho,

dente por dente” há o reconhecimento mútuo dos litigantes e a estipulação da proporcionalidade da pena e da reciprocidade da ação. A sentença aplicada pelo Imperador babilônico no século XVIII a.C nunca pareceu tão civilizada comparada à Doutrina Bush, consagradora do direito de revide antecipado, isto é, da eliminação prévia de qualquer grupo, pessoa ou país considerado ameaçador.

O zeitgeist norte-americano vai fundo na sua matriz judaico-cristã-puritana. Maniqueísmo, danação, salvação, bode expiatório. O fundamentalismo cristão de direita postula a hegemonia ideológica do Império em sua fase totalizante. Se são as intenções que valem, as “boas” intenções podem tudo contra as “más”. Bem-vindos ao inferno.

Operação “mãos sujas”

Essa guerra não é apenas de Bush, mas de todo o *establishment* capitalista. Os pactos e consensos mais profundos são conduzidos por uma dinâmica financeiro-industrial-militar. As exaustivas negociações da ONU quanto à invasão ao Iraque e seus critérios refletem as últimas reacomodações deste novo bloco de poder global que se instaura. Essa recomposição dos centros decisórios do capitalismo global refletiu-se simultaneamente em diferentes campos:

a) no retrocesso das negociações multilaterais da OMC e na cristalização das políticas protecionistas dos países centrais.

b) no avanço das forças de direita na Europa e na reformatação da UE segundo os interesses dos oligopólios.

c) na legitimação da política de genocídio na Palestina praticada por Ariel Sharon.

d) na interrupção do diálogo e/ou no endurecimento da repressão na Irlanda do Norte, País Basco, Chechênia e Colômbia.

A produção e distribuição de petróleo é por hora a questão de maior relevo. Os reclamos e reservas da França e Alemanha contra a guerra ao Iraque não pretendem impedir a guerra, mas criar condicionantes que garantam maior permeabilidade ao processo de reordenamento do Oriente Médio. A Inglaterra, satisfeita com suas reservas próprias no Mar do Norte e com as novas posições que a Royal Dutch/Shell adquirirá no Iraque, se alia incondicionalmente ao Império em busca de uma co-gestão. Estamos diante de uma nova divisão imperialista do Oriente Médio. Um acordo Sykes-Picot em benefício da única superpotência. Seu anátema aos aliados: mais petróleo aos que derramarem mais sangue. Quem ficará com as mãos limpas?

Os mercados pragmaticamente contabilizaram os riscos e oportunidades desta guerra. Koehler, diretor-geral do FMI, sugeriu uma “guerra rápida e com precisão cirúrgica” de modo a não aumentar as incertezas sistêmicas. Meirelles, Presidente do Banco Central do Brasil, em sintonia fina, disse estar torcendo por uma “guerra bem-sucedida” no Iraque. O instável e fraudulento capitalismo global precisa mais do que nunca de certezas. Desde que o risco se tornou sistêmico deixou de ser louvado. As certezas de retorno e lucratividade irrestritas que venham a ferro e fogo.

A automatização da guerra

O capital financeiro transnacionalizado e o complexo industrial-militar estão ocupando juntos posições-chave nas cadeias de valor, transformando-se em reguladores informais dos fluxos de capitais e de tecnologia. O mercado da guerra, nucleado pelas chamadas tecnologias de duplo uso, antes regulado pelas potências imperialistas em conflito, agora se “auto-regula” a partir de acordos estáveis entre os principais conglomerados.

A corrida armamentista é que mantém os capitais de pé. Novas gerações de bombas são novos ciclos de inovação tecnológica e de investimento. A simbiose privado-militar processada no interior do Complexo Militar-Industrial dos EUA trouxe à luz Forças Armadas de natureza empresarial e empresas de natureza militar. Ambivalentes Institutos de tecnologia de defesa, financiados com capital público e privado, foram alçados a posições superiores no organograma do poder mundial. A disputa entre projetos bélico-tecnológicos é a última Realpolitik a considerar.

As Forças Armadas dos EUA foram desinstitucionalizadas e desprovidas de seu “espírito de corpo” para serem absorvidas em um corpo em busca da plenitude. Um Império militarizado embasado na pesquisa e na especulação científica e tecnológica é capaz de agir e dissuadir por conta própria. Aquilo que o Congresso não autorizar ou a opinião pública não tolerar será obtido por meio de joint ventures, convênios privados e operações secretas. As estruturas de comando das Forças Armadas estão sendo pulverizadas por empresas terceirizadas que fornecem apoio logístico, assistência técnica, treinamento e assessoria militar e por redes paramilitares insubmissas à hierarquia oficial.

O Exército norte-americano não é mais o mesmo. A invasão do Iraque foi meticulosamente planejada por Rumsfeld e Wolfowitz, representantes diretos do conglomerado financeiro-industrial-militar. As novas tecnologias submetem a ação militar à concepção e às simulações puras. Pensar é ao mesmo tempo fazer a guerra. O General Richard Myers, Chefe do Estado Maior, e o General Tommy Franks, Comandante chefe da operação de invasão, apenas repassam e operacionalizam decisões. Executivos-políticos viraram generais. Generais viraram soldados. Soldados viraram máquinas.

Envolto nas entranhas do corpo metálico do blindado ou do avião, o homem aos poucos é digerido. Sistemas de navegabilidade e direcionamento aumentam a precisão e a eficiência das operações. O poder saturador dos novos mísseis e bombas torna sem efeito as volumosas divisões de assalto, típicas das guerras mundiais de padrão fordista-taylorista. A tarefa destrutiva se automatiza da mesma maneira que a tarefa de montagem no chão da fábrica.

Em primeiro lugar bombas anti-radiação são lançadas para destruir os sistemas de informação do país e paralisar seus sistemas de vigilância e defesa aérea e anti-míssil. Valendo-se de micro-ondas e ondas eletromagnéticas estas bombas são capazes de cozinhar as partes moles do corpo humano e de produzir graves distúrbios psicomotores.

Não estão descartadas bombas-E de alto impacto ou a utilização de cargas químicas e nucleares que neutralizem improváveis arsenais de armas de destruição em massa. A eventualidade da posse destas armas por um “país não confiável” justificaria a utilização preventiva justamente dessas mesmas armas contra ele.

Em seguida é a vez dos mísseis guiados de baixo custo e de alto poder destrutivo. A munição de ataque direto integrado (JDAMS) consiste em kits com GPS e aletas de controle instalados em bombas convencionais. A Boeing especializou-se em transformar bombas burras em bombas cyborg inteligentes.

Mas o lançamento mais esperado no salão internacional de bombas que se transformará o Iraque é a Small Diameter Bomb (bomba de pequeno diâmetro), muito mais leve e muito mais explosiva que as antepassadas. Isso quer dizer mais bombas por avião e muito mais alvos destruídos por missão. Produtividade exemplar: em 1991 na Guerra do Golfo eram necessários dez aviões para atingir um alvo, em 2003 um avião apenas é capaz de cobrir três alvos.

A informação serve antes de tudo para fazer a guerra

A função mais complexa de localização e classificação exata dos alvos centrais e de oportunidade fica reservada para as forças especiais (SOF - Special Operations Forces) em plena atuação no Iraque desde janeiro de 2003. São agrupamentos extra-militares, subdivididos em comandos especializados, que têm autonomia operacional na consecução de projetos específicos e combinados.

Agrupamentos polivalentes como o “Seal” (sea, air, land), sigilosos como o “Força Delta”, destrutivos e cooperativos como o “Comando Especial da Força Aérea”, ofensivos como o Ranger e sujos como o “Boinas Verdes”. Atravessando e gerenciando essa rede diferenciada está o Special Operations Group (SOG), vinculado à poderosa Divisão de Assuntos Clandestinos da CIA.

A produção da destruição se torna mais diversificada e integrada. Os centros de

gravidade do inimigo, no caso, o Iraque, já foram previamente listados e hierarquizados através de sistemas de comando, controle, comunicações, computadores e inteligência (4CI). O papel dos soldados convencionais se restringe a monitorar o seqüenciamento das metas planejadas. Nada escapa ou fica a salvo depois de montadas as infra-estruturas da ubiqüidade:

satélites Lacrosse, USA 144 e Keyhole capazes de acompanhar imagens em movimento quase em tempo real, controlando todos os deslocamentos no território iraquiano.

suporte de rastreamento por aviões-espiões ou táticos UAV e AWACS.

tratamento de imagens e síntese de dados por sensores.

compartilhamento e interoperabilidade das missões.

reconhecimento automático de objetivos através de mecanismos de inteligência artificial.

O sucesso de uma guerra que se pretende permanente depende então de como se articulam os planos de invasão, ocupação e de administração do Iraque pós-Sadan. Nada pode ser aleatório ou extensivo. Cada supressão significa uma aliança desfeita, cada ressalva uma outra refeita.

Relacionamentos mais ou menos duradouros precisam ser construídos com os curdos no norte e com os xiitas no sul. Compensações devem ser oferecidas às monarquias corruptas de Omã, do Catar, do Kuwait e ao governo turco, por disponibilizarem seus territórios para a logística da guerra. Minar o regime da família Sa'ud na Arábia Saudita, encontrar uma solução para a questão palestina fora dos seus

territórios tradicionais e preparar o terreno para a criminalização do Irã são empreitadas políticas para lá de complexas.

A “normalização” política da região após a guerra é o aspecto mais delicado e nebuloso da mega-operação. A construção de um novo regime no país e na região ainda dependerá de um algum artesanato político para o qual concorrerão Israel e as demais potências da aliança, em espaços mediados pela ONU, intercalados por ataques convencionais.

O campo de batalha não cabe em si

Nas batalhas da guerra psicológica, iniciada formalmente após o 11 de setembro, os árabes islâmicos são apresentados como lunáticos cegos às maravilhosas possibilidades de consumo ou, no mínimo, invejosos delas. Seres rudes e implacáveis como o deserto que habitam. Bárbaros intratáveis e avessos aos bens da civilização. Inimigos da pluralidade, da individualidade e da democracia.

O direito penal se desmaterializa. Na ordem pós-civilizatória a criminalização deixa de referir a atos para instar contextos culturais difusos e modos específicos de existir. Os estereótipos pacientemente forjados pela mídia cumprem seu destino ao se sobrepõem às pessoas e povos. A desumanização da imagem do outro é sua condenação à morte. Assassinada a alma, resta recolher o cadáver.

Jornais e redes de comunicação audiovisual e digital impõem estigmas indelévels. Os povos são marcados para morrer. As lentes das objetivas e câmeras se superpõem às lentes dos sensores dos mísseis, em um jogo de espelhos em que tudo que o que aparece sob o olhar ou sob a mira desaparece.

As elites capitalistas depois de degradarem a humanidade e decomporem o mundo, responsabilizam um monstro estranho, diferente, exterior, quase alienígena. O combate a esse monstro é tão monstruoso que o resultado dá no mesmo: vitória do terror e do totalitarismo.

* LUIZ FERNANDO NOVOA GARZON é Sociólogo, membro da ATTAC-Brasil.